

ARTISTAS denunciam desvio de acervo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 20 jul. 1978.

Artistas denunciam desvio de acervo

Da sucursal de
CAMPINAS

O Estado 20/7/78

A degradação e a utilização indevida do acervo do Museu de Arte Contemporânea de Campinas — 255 obras entre esculturas, pinturas e desenhos — denunciada por artistas plásticos da cidade está sendo apurada pelo prefeito Francisco Amaral, que determinou à Secretaria de Cultura a elaboração de um levantamento completo das peças adquiridas ou recebidas em doação pela prefeitura. Embora admitam a existência do desvio das obras para decoração de salas do Paço Municipal, funcionários responsáveis pelo MAC — criado em 1965, logo após a realização do Primeiro Salão de Arte Contemporânea — justificam ter rígido controle quanto a sua localização e aproveitamento.

O acervo do MAC foi formado a partir da instituição dos Salões de Arte Contemporânea, quando a municipalidade implantou os "Prêmios Aquisição", através dos quais estimulava os artistas, adquirindo suas obras. Sem ter, entretanto, prédio próprio, o museu teve grande parte de seu patrimônio danificado pela falta de condições para a guarda das peças. Funcionando inicialmente num prédio isolado, junto à Secretaria de Educação e Cultura, onde foi praticamente formado, o MAC nunca recebeu atenção por parte das administrações municipais, para manutenção e restauração de obras, problema sentido até hoje, apesar de contar agora com edifício próprio, construído na gestão 73-77 com recursos de uma doação — quatro milhões de cruzeiros — efetuada à Prefeitura Municipal de Campinas por um excêntrico milionário campineiro que residia só nos Estados Unidos, o engenheiro Roque Mellilo, falecido no ano passado.

Falta de segurança

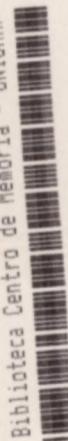
Na opinião de Moretti Bueno, artista plástico premiado

em quase todos os salões de que participou, o acervo do MAC é constituído de importantes obras, que mereceriam maior atenção. "Dos salões de arte contemporânea — diz o artista — participaram autores importantes, muitos laureados pela Bienal e detentores de Prêmio Itamaraty. Deles também surgiram diversas tendências, Pop-Art, arte conceitual, arte ambiental, realismo fantástico e uma série de manifestações artísticas. A falta de uma estrutura, entretanto, impediu principalmente a preservação de muitas criações, danificadas por chuva e as mudanças do MAC, da Avenida Saudade para o novo paço, dali para o prédio próprio, onde hoje funciona. E nunca, em todos esses 13 anos de existência, o acervo teve cuidados especiais que deveriam ter em se tratando de obras de arte, apesar da boa vontade de duas funcionárias não especializadas da prefeitura, responsáveis pelo MAC".

Da mesma opinião é o artista plástico Reynaldo Bianchi Netto que, apesar de ter apenas duas obras compradas pela prefeitura, acha que o patrimônio deveria ficar exposto no museu e não em outros locais, como decoração. Geraldo Jurgensen, escultor, tem diversas obras adquiridas pela prefeitura e não acredita em "roubo", mas num desvirtuamento consciente. Na opinião dele, o MAC deveria manter exposição, "não necessariamente permanente e com todo o acervo", que pudesse mostrar ao povo mas "nunca se dispor a enfeitar ambientes fechados como tem acontecido".

O valor de todo o conjunto é desconhecido. Ao longo de treze anos, os investimentos oficiais na formação do acervo totalizaram 150 mil cruzeiros — cotação comercial, hoje, apenas de algumas peças. Mais grave porém é a situação da segurança do MAC, construído como anexo da biblioteca e desprovido de sistemas especiais contra incêndio ou, sequer, de vigilância adequada.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030912

Fins pessoais?

A maior parte dos artistas campineiros não acredita que tenha ocorrido desvio de obras do acervo, para fins pessoais. Pelo menos nenhum deles tem conhecimento de qualquer fato que possa levar alguém a admitir isso. O desvirtuamento do acervo, todavia, é apontado por todos eles, que não admitem que um quadro ou uma escultura adquirida para completar o patrimônio de um museu, possa estar decorando salas no Palácio dos Jequitibás. "É claro que se a peça pertence ao museu, tem que ficar no museu. Se alguém estiver interessado em ver o quadro tal, de tal artista, seria o cúmulo ter que pedir licença ao prefeito, para entrar em seu gabinete para ver a obra". Essa posição, da maioria dos artistas, prova que realmente o desvirtuamento existe, "embora não sob culpa dos responsáveis pelo MAC, e muito menos da atual administração. O erro vem do tempo em que foi inaugurada a nova sede da prefeitura". Na época, o grande prédio em mármore branco pre-

cisava ser decorado às pressas para sua inauguração. A solução foi "emprestar" alguns quadros e esculturas do acervo do MAC. O edifício foi inaugurado, apenas com o funcionamento do gabinete do prefeito. Depois, à medida em que as secretarias e outras unidades municipais descentralizadas iam sendo transferidas para o bloco vertical, novos quadros e esculturas eram requisitados para decoração. A justificativa mais comum utilizada é que o museu não tinha sede e as obras estavam guardadas em depósito.

No começo do atual governo, por determinação do secretário José Roberto Magalhães Teixeira, todas as obras distribuídas pela prefeitura foram recolhidas e estão armazenadas, embora sem os devidos cuidados de recuperação e restauração necessários.